

Revista

# UBC

REVISTA DA  
UNIÃO BRASILEIRA  
DE COMPOSITORES  
#15 / DEZEMBRO DE 2012

+ NA ABL, UM DEBATE SOBRE  
DIREITOS AUTORAIS NA INTERNET

+ UBC, 70 ANOS: BRAGUINHA

+ LEO GANDELMAN, JOÃO BOSCO,  
MARIA RITA, HERMÍNIO BELLO  
DE CARVALHO



# MILTON,

70 ANOS DE **NASCIMENTO**, 50 DE CARREIRA,  
40 DE "CLUBE DA ESQUINA" E 20 DE UBC



# XIII ANNUAL LATIN GRAMMY AWARDS



Mais uma vez, nossos associados deram show na maior premiação da música latina nos Estados Unidos!

MELHOR ÁLBUM DE ROCK BRASILEIRO  
"Celebração & Sacrifício", de Beto Lee

MELHOR ÁLBUM DE SAMBA E PAGODE  
"Nosso Samba Tá Na Rua", de Beth Carvalho

MELHOR ÁLBUM DE MPB  
"Especial Ivete, Gil e Caetano", de Ivete Sangalo, Gilberto Gil e Caetano Veloso

MELHOR CANÇÃO BRASILEIRA  
"Querido Diário", do álbum "Chico", de Chico Buarque

E o homenageado da reportagem de capa desta edição, **MILTON NASCIMENTO**, também ganhou merecidos aplausos ao receber, entre outros expoentes da música latina, o **PRÊMIO EXCELÊNCIA MUSICAL**.

**Parabéns a todos que ajudam a encantar o mundo com a nossa música!**



REVISTA DA  
UNIÃO  
BRASILEIRA DE  
COMPOSITORES  
#15 : DEZEMBRO DE 2012



## EDITORIAL

Milton Nascimento fez 70 anos de idade, 50 de carreira, 45 de "Travessia" e 40 de Clube da Esquina. Gil, também aos 70, mereceu justa homenagem neste ano especial em que comemoramos nossa setuagenária União Brasileira de Compositores - UBC. Aos 77, entrevistamos o poeta e gigante da cultura brasileira Hermínio Bello de Carvalho. E, ao mesmo tempo em que festejamos, continuamos a luta pelos direitos autorais iniciada em 1942 por Braguinha, Mário Lago, Ary Barroso, Ataulfo Alves, Caymmi e tantos outros criadores de nossa imensa e bela música popular.

*Fernando Brant*



## ÍNDICE

04 : NOVIDADES NACIONAIS  
06 : **LANÇAMENTOS**  
07 : NOVIDADES INTERNACIONAIS  
08 : LEGISLAÇÃO: **MARCO CIVIL**  
10 : **LEO GANDELMAN**  
11 : FIQUE DE OLHO

12 : CAPA: **MILTON NASCIMENTO**  
16 : **HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO**  
19 : MEMÓRIA: **OLDEMAR MAGALHÃES**  
20 : HOMENAGEM: **BRAGUINHA**  
22 : DISTRIBUIÇÃO

## NOVIDADES NACIONAIS Por Bruno Albertim, do Recife



Ruth Castro

### JOÃO BOSCO NA UBC

Quando João Bosco me chamou por telefone pra dar um pulo na sua casa e me mostrar umas canções inéditas, fui feliz, mas tenso com o peso da responsabilidade. Afinal, João é parceiro dos grandes poetas da canção brasileira, e o seu primeiro já foi logo Vinícius de Moraes! Subi a rua Faro, a dois quarteirões da minha Lopes Quintas (aliás, onde nasceu o Poetinha), no Jardim Botânico, pisando os centenários paralelepípedos e pensando: "Não é que esse mineiro achou um pedaço de Ouro Preto em pleno Rio de Janeiro?" As melodias, maravilhosas, aumentaram a pressão e a alegria, e, assim, subi e desci a ladeira com "Desenho de Giz" e "Quando o Amor Acontece", e cada pedaço de pedra pisado pelos meus pés sentiu o peso leve de minha felicidade.

Este João, meus queridos, é uma joia rara de nosso cancionero. Esta coisa feita, este sol na ideia e esta chuva na roseira, este violão que abre os caminhos e esta voz que dribla o tempo, inventa o espaço e acende o coração da moçada é quem temos agora a alegria de ter em nossa UBC como novo associado.

A casa é sua, João Bosco. A honra é nossa.

Abel Silva



### O SAX É POP

Sem a sensualidade de sua sonoridade, a recente e já histórica música pop não seria a mesma. Dá para imaginar a mesma tensão de "We Don't Need Another Hero", de Tina Turner, sem os sopros sagazes? "Flores", dos Titãs, além de grande parte das canções que o Kid Abelha colocou em nossas bocas e mentes, são outros exemplos: também contam com o auxílio luxuoso de um saxofone.

Para não deixar esquecer que o instrumento foi emblematicamente consagrado como uma arma enfeitiçante a serviço da música para as pistas, arenas, ruas e vielas, o instrumentista Mário PC Filho acaba de lançar "O Saxofone Pop dos anos 80". No livro (Multifoco, 96 páginas, R\$ 35), ele passeia pela presença do sax na década que fortaleceu o rock brasuca e comprova, mais uma vez, sua tese de que "o pop é o fim das barreiras entre o raro e vulgar". Atualmente, PC Filho empresta seus serviços à banda de Lulu Santos. Não por acaso, o patrono do pop nacional assina a abertura do livro sobre o saxofone – um instrumento que ajudou a fixar sua música e a de seus pares na mítica da nossa história musical.



Reprodução

### REGGAE DA JAMAICA PARA A BAIXADA FLUMINENSE

A receita é apimentada: mesclando elementos do reggae, da soul music e da música popular brasileira, a banda Cabeça de Nego apresenta canções autorais e releituras turbinadas de clássicos verde-amarelos. Como nos expedientes do grupo The Temptations, a sonoridade valoriza os vocais em texturas e camadas distintas.

Agora, Ronnie Marruda, Renato Biguli, Reinaldo Amâncio, Rico Farias, Matheus Alcântara e Gui Rodrigues, as seis partes que formam o Cabeça, entram em estúdio para gravar seu terceiro CD. "Reggae com pitadas de soul e rock, essa é nossa proposta para conquistar o público e o mercado da música. A banda está gravando e fazendo releituras de obras já conhecidas e, também, oferece novidades com as composições autorais", conclui Renato Biguli, vocalista da banda mais jamaicana da Baixada Fluminense.

Produzido por Clemente Magalhães e Renato Alfcher, o disco traz participação especial de Paula Lima na faixa "Mais Uma Noite". Em 1998, o primeiro CD foi produzido pelo experiente Nilo Romero e contou com a presença dos músicos Paulinho Moska, George Israel e Marcos Suzano, na percussão. O segundo álbum da banda, "+ 1 Arquivo", foi lançado em 2002 e contou com participações especiais de Seu Jorge, Toni Garrido e João Fera.



### TEREZA DE NITEROI

Não foi sem surpresas que os meninos da banda Tereza receberam o anúncio de que eram os vencedores da categoria "Experimente", durante a última edição do Prêmio Multishow de Música Brasileira. Inspirado numa musa adolescente do colégio em que estudava, o quinteto de Niterói (RJ) montou, em 2008, a banda sem muitas pretensões. Logo estava ocupando os espaços alternativos da cidade. E o som leve, de grooves dançantes e personalidade própria misturados a acordes do clássico rock'n' roll, foi ganhando adeptos, incluindo a banda entre os nomes importantes da fértil cena indie nacional. Agora, eles estão na estrada com o álbum "Vem Ser Artista Aqui Fora", mas já planejam o próximo disco. A banda Tereza é formada por Matheus Sanches (guitarra e teclado), Rodrigo Martins (bateria), João Volpi (baixo), Sávio Azambuja (guitarra e teclado) e Vinícius Louzada (vocal). O trabalho dos garotos pode ser conhecido pelo site atereza.com.

### SAMBA EXPORTAÇÃO

Nos anos 1970, como não era propriamente samba ou rock, mas um híbrido muito calcado em cada um dos elementos, aquele estilo dançante, superjovem, capitaneado por Wilson Simonal precisou encontrar um novo rótulo. "Assim como houve a pilantragem para definir aquele momento musical, procuro um nome para definir o que eu toco hoje", reflete o músico gaúcho Marcelo Duani, celebrado por sua mistura elegante de sambas, rocks, funks e que tais - e que dialoga imensamente com o movimento setentista. "Tenho composições que não são propriamente do samba, ou do rock, ou do soul, mas que têm muito deles", conceitua. Um amigo, no entanto, lhe deu uma definição que julga eficiente para o som que pratica: "samba exportação". "É um som que o exterior pode apreciar até mais rapidamente que o Brasil. Tem um sabor brasileiro, com uma elegância europeia", conclui. Pois Duani já tem prontinha a nova fornada de seu mais recente trabalho: batizado de "Filho de Xangô", o disco, não por acaso, vem com o subtítulo "Samba Exportação". "É um disco ritmado, com bastantes sambas-rocks... Conseguimos incorporar elementos como o cavaquinho", diz o músico, que também trouxe elementos do candomblé como atabaques e aguçês.

O trabalho está premiado com uma série de participações mais que especiais: George Israel (Kid Abelha), Léo Fernandes (pianista de Seu Jorge e Fagner), Márcio Local, Mu Chebabi, Gabriel Moura, Paulo Calazans e o rapper Lenzo Rizzo, da Guiné Bissau, entre outros. Não por acaso, o disco deve sair primeiro na Europa. "Recebi uma resposta do pessoal da França, vou lançar lá primeiro. Estou divulgando, fazendo pocket shows", conta Duani. Por aqui, o novo trabalho deve chegar ao mercado depois do carnaval.



## OTTO MANDA UMA NOVA LETRA

Em mais uma experimentação de inspiração literária, o pernambucano Otto lançou em outubro seu novo álbum, "The Moon 1111". Aqui, quem conduz a "narrativa" sonora é o personagem Guy Montag, protagonista do clássico da ficção científica distópica "Fahrenheit 451", livro de Ray Bradbury que ganhou as telas na adaptação do francês François Truffaut. Na trama, bombeiros a serviço de um estado ditatorial em que opiniões são proibidas queimam livros no lugar de apagar incêndios. A psicodelia do Pink Floyd e dos Mutantes é uma das maiores referências musicais para as canções inéditas, algumas com batidas electrop que remetem a The Cure e A-Ha. Provocativo, Otto já havia se inspirado em um personagem literário anteriormente, Gregor Samsa, de "A Metamorfose", clássico de Franz Kafka.



Vicente de Paulo

## MARIA ELIS RITA REGINA

Ela sempre teve medo de comparações com a mãe - e de fracassar ao se arriscar no repertório consagrado por uma das maiores cantoras da história da MPB. Felizmente, estava errada. Ao se aventurar no terreno de Elis Regina, Maria Rita provou ter estilo próprio e talento de sobra. Isso fica claro em "Redescobrir", álbum e DVD ao vivo derivados do projeto Viva Elis, que marca os 30 anos de morte da Pimentinha. Lançados mês passado, os trabalhos têm 29, de 65 pérolas selecionadas por Maria Rita para lembrar a mãe, entre elas "Me deixas louca", "Maria Maria", "Vida de Bailarina" e "Bolero de Satã". Com a voz apuradíssima e um jeito próprio de ler os clássicos, embora tenha mantido os arranjos originais, a cantora cumpriu com folgas a "missão" a que se propôs: "Tinha medo do sensacionalismo em torno do projeto, mas deu tudo certo. Achei que poderia tomar um tomate ou um ovo se ousasse mudar (os arranjos). Sei do carinho que as pessoas têm pelo repertório", disse, em entrevista ao portal G1.

## ELBA, XOTES E FREVOS

Elba Ramalho lança seu novo disco, "Vambora lá dançar", mês que vem. Recheado de frevos, xotes e outros ritmos nordestinos que ela ajudou a consagrar país a fora, o álbum é uma parceria da gravadora Saladesom Records com a Acauã Produtora. Em novembro, a paraibana mostrou no programa "Encontro", apresentado por Fátima Bernardes na TV Globo, o primeiro single do disco, "Frevó meio envergonhado", um animado xote composto pela carioca Monique Kessous que dá uma ideia do que vem por aí. A música pode ser ouvida no site oficial de Elba, elbaramalho.com.br.

Eulália Figueiredo

## NOVAS BOSSAS

Fleitando com a bossa nova e a MPB, sem perder o acento roqueiro, a banda NX Zero lançou seu quinto CD de estúdio, "Em Comum". Faixas como "Maré" evidenciam a homenagem à bossa e revelam um claro amadurecimento da banda que surgiu como expoente do chamado movimento "emo" (emotional core, um rock pesado e "emocional"). "Durante a composição do disco eu travei por um mês, mas, depois, deixei fluir, escrevendo as letras como uma mãe que tira as rodinhas para a criança aprender a andar de bicicleta sozinha", disse o líder da banda, Di Ferrero, em entrevista ao portal UOL. Com exceções como "Guerra e Paz", de pegada mais pesada, as músicas soam mais leves e bem-humoradas. Além da MPB, outras sonoridades verdade-amarelas influenciaram o novo trabalho, como a banda Barão Vermelho e até o pagode de Zeca Pagodinho.



## BREVE ÁLBUM MUSICAL

O novo projeto de Dimitri BR conjuga o conceito de LP com o velho hábito infantil de colecionar imagens. E ele se materializa num site, em que os visitantes podem escolher a faixa, ouvir com calma, ler a letra, ver as imagens - tudo com a praticidade do meio digital. É uma espécie de LP do século 21. Já são 36 músicas no acervo. Entre elas, "Canção de Sonho", parceria de Dimitri BR com Zélia Duncan, tema que embalou as aventuras da personagem Rosário (Leandra Leal) na novela "Cheias de Charme", da TV Globo. Vale a pena conferir: diahum.com/albumdefigurinhas.

## NOVIDADES INTERNACIONAIS

### EUA 1: VELOCIDADE DE ACESSO DIMINUÍDA PARA QUEM BAIXAR ILEGALMENTE

Os Estados Unidos estão lançando um mecanismo de alerta de infrações de direitos autorais na internet. Os provedores participantes do chamado Sistema de Notificações de Alerta (CAS, na sigla em inglês) enviarão mensagens aos usuários que, por exemplo, descarregarem músicas ilegalmente. Num primeiro momento, os alertas serão "educativos". Depois, "informativos", requerendo uma confirmação de leitura por parte do usuário. Por fim, quem continuar a compartilhar arquivos ilegalmente será informado sobre medidas de "dissuasão". O Centro de Informação Sobre Direitos de Autor americano (CCI, na sigla em inglês) explica que não se trata, porém, de um sistema análogo ao estudado por alguns países da União Europeia que prevê o desligamento do acesso à internet dos usuários infratores. A "dissuasão", neste caso, poderia se dar, por exemplo, por meio de uma diminuição da velocidade de acesso, um castigo aplicado pelos próprios provedores. Especialistas consultados pelo CCI dizem que tal esforço é um dos melhores até o momento. A ideia é que até o Natal já haja dados sobre a efetividade da medida.

### EUA 2: PIRATAS SÃO TAMBÉM MAIORES COMPRADORES LEGAIS, DIZ ESTUDO

Um estudo da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, revelou um dado inesperado: os maiores compradores legais de músicas on-line são também quem mais compartilha material ilegalmente. De acordo com o trabalho, quem usa sistemas de compartilhamento pirata do tipo P2P (como eMule ou The Pirate Bay) comprou, em média, 760 canções legalmente, contra 582 de quem não usa. Mais de 35% dos entrevistados de 18 a 29 anos e 22% dos de 30 a 49 anos revelaram que baixam músicas ilegalmente ou copiam arquivos comprados ou baixados por familiares e amigos. Segundo o estudo, "há um alto nível de aceitação, sobretudo entre os mais jovens, ao compartilhamento de músicas com família e amigos", o que é muito mais difícil de combater que a pirataria simples. O levantamento, financiado por institutos como a Ford Foundation e a Google Foundation, mostra também que, nos Estados Unidos, quase 30% dos jovens de menos de 30 anos escutam a maioria ou todas as músicas on-line, por meio de serviços de streaming, e já não se interessam por descargas ilegais. Cerca de 10% deles pagam por assinaturas para escutar música na web.

## WORLD CREATORS SUMMIT EM 2013

A Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (Cisac) anunciou data e local do seu próximo encontro bianual, agora chamado de World Creators Summit - Criar, Conectar, Respeitar. Previsto para os dias 4 e 5 de junho do próximo ano, em Washington, Estados Unidos, o evento deverá ter conferências de alto nível reunindo desde criadores e líderes de sociedades e organizações de autores a legisladores, representantes de governos, de corporações de mídia e da indústria de equipamentos eletrônicos, entre outros. Em 2011, na última reunião, em Bruxelas, Bélgica, participaram, entre 730 representantes de 57 países, nomes como Robin Gibb, cantor e compositor do grupo Bee Gees, morto em maio passado; Jean-Michel Jarre, compositor francês; Robert Levine, ex-editor da revista "Billboard" e especialista americano em direitos na era digital; além de Ivo Josipovi, presidente da Croácia e compositor; e Javed Akhtar, poeta, letrista e roteirista indiano. O próximo encontro pretende debater o futuro da comunidade criativa e do mercado de entretenimento num momento de crucial expansão da economia digital, e a UBC certamente estará representada outra vez.

## REINO UNIDO: MERCADO TENTA BLOQUEAR ACESSO A SITES PIRATAS

A British Phonography Industry (BPI), entidade que congrega empresas do mercado de música no Reino Unido, tenta um acordo com os maiores provedores de acesso à internet no país para bloquear o The Pirate Bay, um dos mais conhecidos sistemas de compartilhamento ilegal de músicas e filmes do planeta. A associação quer ir além e pedir também o bloqueio de sites como Kickass Torrents, Fenopy e H33t. Os provedores, por sua vez, insistem que poderão atuar, sim, mas desde que haja uma decisão judicial para tal. Enquanto isso, num desafio à ação das autoridades britânicas no combate à troca ilegal de músicas, o The Pirate Bay anunciou a transferência da sua hospedagem para diversos servidores espalhados pelo mundo. Segundo o site TorrentFreak, a decisão de se mudar para a nuvem se deveu ao temor de que ações da polícia pudessem tirar a plataforma pirata do ar, a exemplo do que ocorreu com o MegaUpload. "Se um provedor nos expulsar, deixar de funcionar ou falir, simplesmente podemos comprar novos servidores virtuais", lançaram um desafio os responsáveis por um dos sites que mais prejudicam autores em todo o mundo.

## RÚSSIA: MAIOR SITE DE COMPARTILHAMENTO É MULTADO

Uma boa notícia vinda de um dos países onde se registram sucessivos desrespeitos aos direitos de autor. O site vKontakte, maior plataforma de compartilhamento virtual em língua russa, com 110 milhões de usuários cadastrados, foi condenado pela Justiça em Moscou a pagar cerca de US\$ 18 mil dólares pela distribuição ilegal de onze músicas do selo SBA Gala Records, filial da EMI Music. A Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, na sigla em inglês) comemorou a decisão, mas crê que são necessárias medidas mais duras contra o site. "O vKontakte está operando ilegalmente e precisa tomar medidas drásticas para mitigar essas persistentes infrações", alertou Frances Moore, diretora da IFPI, que disse esperar que o portal se torne um aliado da indústria, a exemplo do que ocorreu com o chinês Baidu, antes uma das maiores plataformas piratas do planeta e, recentemente, convertida num site licenciado e legal.



# CRIADORES JUNTOS EM DEFESA DOS SEUS DIREITOS NA INTERNET



Da direita para a esquerda, Sidney Sanches, Roberto Feith, Marisa Gandelman, Paulo Rosa e José Francisco de Araújo Lima

## ARTISTAS E REPRESENTANTES DA INDÚSTRIA FIRMAM POSIÇÃO SOBRE O MARCO CIVIL

Por Leonardo Faria, do Rio

Os criadores precisam e devem ser remunerados pelo uso de suas obras. Para ter o seu direito garantido, é indispensável que o Marco Civil da Internet, em discussão no Congresso Nacional, possibilite que a ferramenta usada hoje para proteção dos direitos dos autores conhecida como “notifica e retira” (do inglês, “notice and take down”) continue a ser usada. Esta foi a tônica do encontro “Criadores em defesa dos seus direitos”, promovido pela União Brasileira de Compositores (UBC) em conjunto com outras organizações, que reuniu no dia 5 de novembro, na Academia Brasileira de Letras, no Rio, artistas e representantes da indústria da cultura.

Atualmente, quando autores e produtores sofrem uma violação ao seu direito autoral, ou seja, sua obra é utilizada sem seu consentimento, notificam o provedor que hospeda o conteúdo, e este o retira do ar. O artigo 15 do Marco Civil da internet prevê, entretanto, que o provedor não será responsabilizado pelo conteúdo oferecido por terceiros, nem em caso de violação de direitos autorais, portanto, a retirada só será feita em caso de ordem judicial. Segundo Marisa Gandelman, diretora-executiva da UBC, haverá uma enxurrada de milhares de processos no Judiciário.

– A judicialização é o caminho oposto daquele tomado nos Estados Unidos e na União Europeia. Os maiores prejudicados serão os próprios autores. O encontro foi para dar voz à indústria e aos criadores e discutir os impactos do projeto de lei do jeito que ele está hoje - disse Marisa.

Para Paulo Rosa, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Disco (ABPD), o engarrafamento de processos pode ser muito grave. Somadas todas as notificações já feitas pelas indústrias da música, do audiovisual e do livro, o número chega a 80 mil. Sem a ferramenta “notifica e retira, esta poderia ser a quantidade de casos que parariam na Justiça. Rosa afirma que o número de pedidos de retirada questionados judicialmente é irrisório, o que legitima a eficiência da ferramenta.

Caso prevaleça o texto atual do Marco Civil, o custo para os criadores aumentaria muito, segundo estimativa do advogado especialista em direito autoral Sydney Sanches. Na sua opinião, os criadores serão os maiores prejudicados pelo projeto. Sanches concordou com Rosa na legitimidade da ferramenta atual e explicou que, se houver exagero nos pedidos, haverá punição pelo abuso.

– Até agora, houve apenas uma ou duas contestações. Se quem pedir a retirada estiver exagerando, será condenado pelo abuso da sua prerrogativa.

O diretor da Editora Objetiva e vice-presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livro (Snel), Roberto Feith, chamou atenção para um “debate mal informado” sobre liberdade na internet. Feith explica que grupos como Google podem até não hospedar conteúdo ilegalmente, mas ganham muito dinheiro com publicidade em cima do tráfego trazido por ele. Sendo assim, devem ser responsabilizados pelo tráfico de conteúdo que infringe direitos autorais.

– Há uma apropriação autoritária do discurso da liberdade de expressão pelas empresas da internet. Quando defendem a livre distribuição de conteúdo, estão defendendo os seus modelos de

negócio. Existe uma hipocrisia clara e latente no discurso das empresas. Basta perguntar para elas sobre a liberdade de suas patentes, se estão dispostas a abrir mão delas.

No encontro, a presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Ana Maria Machado, leu uma carta em que a instituição se posiciona ao lado dos criadores na discussão sobre o Marco Civil da internet. No seu trecho mais contundente, o texto afirma: “Uma sociedade que não admite o trabalho escravo não pode se esquecer de que a utopia de distribuir bens gratuitamente a todos não deve se basear no sacrifício de uma única categoria de trabalhadores”. O escritor João Ubaldo Ribeiro também manifestou preocupação com a violação dos direitos dos autores.

– Se o artista não conseguir se sustentar com seu trabalho, só quem tiver meios, um emprego público, vai poder ser escritor, por exemplo. Isso se um sábio desses não tiver a ideia de criar um órgão dirigido por um conselho de notáveis para financiar os livros. Já vimos isso na União Soviética e sabemos no que vai dar - criticou João Ubaldo.

Procurado pela reportagem da Revista da UBC, o deputado federal Alessandro Molon (PT-RJ), relator do Marco Civil da internet, informou, por meio de nota, que “está fechando os últimos detalhes do texto final do projeto. Todas as posições a respeito do texto, como as que tratam da liberdade de expressão na internet e das preocupações em torno do direito à honra e dos direitos autorais, estão sendo analisadas e serão consideradas para a confecção do relatório final”.

Em 7 de novembro passado, dia em que estava marcada a votação na Câmara, Molon modificou seu voto, acrescentando o parágrafo 2º ao artigo 15, que, em linhas gerais, mantém a responsabilidade do provedor no caso de infrações ao direito de autor, demonstrando, assim, sensibilidade aos argumentos dos criadores. Como a votação em plenário foi adiada, porém, ainda não se conhece o desfecho da questão. 

João Ubaldo Ribeiro



## DEVOÇÃO AO SAMBA-JAZZ

**LEO GANDELMAN FALA SOBRE O NOVO TRABALHO, "VIP VOP", EM QUE, MAIS UMA VEZ, USA SEU PODEROSO SAXOFONE PARA EXALTAR MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS MUSICAIS**

**Por Bruno Albertim, do Recife**

Leo Gandelman é sinônimo imediato de saxofone no Brasil. Empregou o instrumento tanto a favor da música popular, na carreira de grandes nomes nacionais, quanto para reinterpretar compositores clássicos como Claude Debussy (1862-1918), Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Jacques Ibert (1890-1962). Agora, o instrumentista está de volta com um álbum em que incursiona pelo momento “em que a música brasileira produziu a melhor música popular do mundo”.

Jogo de palavras sonoro com as siglas de “Very Important Person” e “Very Ordinary Person” (respectivamente, pessoa muito importante e pessoa muito comum, em tradução livre do inglês), VIP VOP é um grande exercício e peça de devoção ao chamado samba-jazz. “Foi um período em que a qualidade e a quantidade da nossa produção tiveram o reconhecimento mundial como perfeita opção entre as mais diferenciadas tendências musicais”, diz o músico numa entrevista à Revista UBC em que fala, entre outros assuntos, sobre o álbum, primeiro lançado na Europa e que, agora, chega ao Brasil.

**Como foram a concepção e a execução do disco? Por que a sonoridade tão diretamente ligada ao samba-jazz?**

Durante os últimos três anos, fiz a direção e a apresentação de um programa de rádio sobre música instrumental brasileira recebendo convidados que traziam seu próprio playlist para apresentar e comentar com os ouvintes. Músicos, jornalistas e celebridades ligadas ao mundo da música foram quase unânimes em trazer sempre música do período compreendido entre o final da década de 50 e a década de 60, fazendo-me enxergar a importância desse período tão criativo e tão produtivo, que marcou definitivamente a música brasileira no mundo. Quando comecei a definir o caminho do novo trabalho, referenciei-me na estética sonora dessa época, colocando a minha visão musical. O trabalho

é também uma homenagem aos músicos que criaram o estilo, como JT Meirelles, Edison Maciel, Raul de Souza, Paulo Moura, Edison Machado e tantos outros que viajaram o mundo espalhando nossa cultura.

**Por que os anos 1950 e 1960 foram tão importantes na música brasileira?**

Foi um período de extrema fertilidade, no qual a qualidade e a quantidade da nossa produção tiveram o reconhecimento mundial como perfeita opção entre as mais diferenciadas tendências musicais.

**Dos instrumentistas brasileiros, quais seriam influências diretas na sua formação?**

Paulo Moura, Nivaldo Ornellas, Oberdan Magalhães, Dom Salvador, César Camargo Mariano, Márcio Montarroyos, (a banda) Azymuth...

**O senhor tem colocado seu talento também a serviço de importantes discos alheios. Algum projeto de participação em algum álbum?**

No início da minha carreira, trabalhei durante muitos anos colocando a minha música inteiramente a serviço de artistas da MPB, do rock, do samba e de outros estilos, tendo participado da gravação de mais de 900 discos. A partir de 1987, comecei minha carreira artística solo com força total, passando a me dedicar inteiramente à produção da minha música. A intenção desde o início foi criar meu próprio caminho, meu estilo, tendo sempre o ideal e a crença profunda de que existe espaço para música instrumental no Brasil. A partir daí, minha participação em outros trabalhos diminuiu muito, por conta do tempo, mas, sempre que recebo convite de amigos, gosto de participar.

**Seu nome é sinônimo imediato de saxofone no Brasil... Em que momentos da música brasileira o instrumento teve relevância especial?**

O sax, entre seus altos e baixos, sempre foi um instrumento solista com grande destaque na música popular dos últimos cem anos, pelo menos. Na música brasileira, desde o choro ao samba-jazz, a presença do sax é sempre marcante. Acredito que o instrumento teve seu auge durante a década de 80, quando foi praticamente onipresente na música popular.

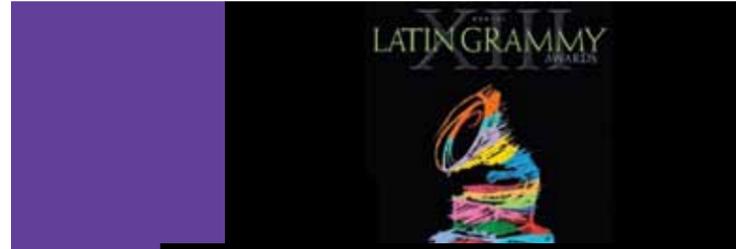
**Caetano, Gal, Ney... O senhor já teve trabalhos ao lado de grandes intérpretes da geração mais clássica da MPB. Alguém da chamada novíssima geração da MPB lhe chama atenção? Tem vontade de gravar com alguma dessas vozes?**

Fiz um trabalho em 2009 chamado “Sabe Você”, voltado para o nosso samba canção, e convidei Milton Nascimento, Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Luiz Melodia, Leila Pinheiro, Leny Andrade, Lirinha, Joel Nascimento e outros para dividir a interpretação de standards do estilo, recebendo o carinho e a amizade desses maravilhosos artísticas com quem tive a chance de interagir durante a minha carreira. Moisés Marques, João Cavalcanti, Tiê, Mariene de Castro, Carol Sant’Anna são nomes da “novíssima geração” que têm me chamado a atenção.

**E a música instrumental? Tem havido renovação?**

O Brasil é um verdadeiro celeiro de músicos criativos e originais. Alguns trabalhos instrumentais recentemente me chamaram a atenção, como a Orkestra Rumpilezz (de Letiere Leite), os jovens músicos mineiros Felipe Continentino e Frederico Heliodoro, o novo trabalho do baixista carioca Alberto Continentino e tantos outros que encheriam mais uma lauda, pelo menos. Ou a Orquestra Contemporânea de Olinda, que, com certeza, faz parte dessa nova levada de talentos! É muito bom ver, ouvir e interagir com a renovação da música brasileira. 

## FIQUE DE OLHO



### VOCÊ, NO GRAMMY LATINO

A versão latina da maior festa da música mundial pode estar mais perto de você. Para concorrer ao Grammy Latino e levar sua música para todos os cantos do planeta, é preciso ser um membro da Academia Latina de Artes e Ciência da Gravação. E o procedimento é bem simples. Basta acessar o site [latin Grammy.com](http://latin Grammy.com) e preencher a ficha de inscrição. Anexo a ela, é preciso enviar um encarte de CD ou DVD que comprove a categoria do inscrito e pagar uma anuidade de US\$ 50 (cerca de R\$ 102) via cartão de crédito. Além de receber informações a respeito do prêmio, o membro da academia poderá inscrever até dez materiais para concorrer ao prêmio anual, votar nas duas etapas, participar gratuitamente dos prêmios especiais do Grammy e se candidatar aos comitês de revisão e seleção do Grammy Latino, instalados em Miami (EUA), São Paulo e Los Angeles (EUA).

### DISTRIBUIÇÃO EXTRA DE CINEMA

Após derrota judicial em 2007, foi fechado, em 2008, um acordo de distribuição dos valores arrecadados pelos filmes exibidos nas salas de cinema do Grupo Severiano Ribeiro entre 1989 e 2006, período no qual o grupo deixou de pagar os direitos autorais de autores e compositores das trilhas sonoras dos filmes. Desde agosto de 2008, o Ecad vem distribuindo os repasses feitos pelo Grupo Severiano Ribeiro. Mês passado, por exemplo, foram repassados R\$ 2.524.342,70 para autores e compositores de trilhas de filmes exibidos entre 1996 e 2006. A próxima e última distribuição dos repasses será feita em novembro de 2013.

### ARRECADAÇÃO NOS EUA AMPLIADA

A Ascap, sociedade de gestão coletiva americana, mudou os critérios para a cobrança de direitos autorais em shows nos Estados Unidos. Se, antes, apenas grandes eventos eram contemplados, em novembro foi lançada uma ferramenta pela qual titulares de obras executadas em apresentações de qualquer dimensão serão recompensados. Para isso, os autores devem entrar em contato conosco, informando a data, o horário e o local do show, a fim de que as informações sejam repassadas à entidade americana. A partir de janeiro serão recebidas informações sobre shows realizados em 2012. Para mais informações, escreva para o departamento internacional da UBC ([international@ubc.org.br](mailto:international@ubc.org.br)).

### GONZAGÃO, O REI DAS FESTAS JUNINAS

O Ecad distribuiu em setembro os valores referentes a direitos autorais de execução pública em festas juninas. Cerca de R\$ 1,7 milhão foi repassado a 5.037, e o centenário Gonzagão provou, mais uma vez, que continua rei. Ele encabeçou o ranking dos mais tocados, seguido pelo sertanejo Sorocaba. Tato, do Falamansa, Mario Zan e Lamartine Babo fecham o top 5 dos arraias. Abaixo você confere o ranking das 15 músicas mais executadas no período das festas juninas e julinas.

- Festa na Roça - Palmeira/Mario Zan
- Olha pro Céu - Luiz Gonzaga/José
- Fernandes de Carvalho
- Pagode Russo - João Silva/Luiz Gonzaga
- O Sanfoneiro só Tocava Isso - Haroldo Lobo/Geraldo Medeiros
- Balada - Cassio Sampaio
- Quadrilha Brasileira - Gerson Filho/ José Maria de Aguiar Filho
- Asa Branca - Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga
- Isto é lá com Santo Antônio - Lamartine Babo
- Pula a Fogueira - João Bastos Filho / Amor
- Humilde Residência - Fernando/Luiz Henrique/Tiago Marcelo/Malcolm Lima
- São João na Roça - Zé Dantas/Luiz Gonzaga
- O Xote das Meninas - Zé Dantas/Luiz Gonzaga
- Sonho de papel - Alberto Ribeiro
- Assim Você Mata o Papai - Nicco Andrade
- Esperando na Janela - Raimundinho do Acordeon/ Targino Gondim/Manuca Almeida



### CISAC NO BRASIL

Mais uma “homenagem” aos 70 anos da UBC virá da confederação que congrega sociedades de gestão coletiva de direitos de autor no mundo. A terceira reunião anual da Cisac será no Rio, este mês, e nós seremos os anfitriões! Além de discutir os rumos da luta pelos direitos autorais, as reuniões também servem para a mesa diretora fazer um balanço das ações implementadas no meses anteriores e planejar as atividades dos próximos.



O MENINO  
QUE SE CHAMA

# MÚSICA

**UM DOS NOSSOS MAIORES CANTORES E COMPOSITORES, MILTON NASCIMENTO FAZ 70 ANOS DE VIDA, 50 DE CARREIRA, 40 DE 'CLUBE DA ESQUINA' E 20 DE UBC E GANHA HOMENAGEM NUM TEXTO ESPECIAL DO PARCEIRO CHICO AMARAL**

**Por Leonardo Lichote, do Rio**

Na voz, na presença física, nas melodias únicas, Milton Nascimento carrega a força de uma entidade ancestral. Mas talvez a melhor forma de compreender esse artista que, em 2012, celebra seus 70 anos de vida (e 50 de carreira, 40 de lançamento do seu trabalho mais emblemático, "Clube da Esquina", e 20 de filiação à UBC) seja vendo-o como criança – o tal menino que mora em seu coração e que dá a mão sempre que o adulto balança, como canta em "Bola de Meia, Bola de Gude", composta em parceria com Fernando Brant. Até porque há algo de infantil – a inocência angelical, a surpresa diabólica - no poder que emana de sua música. E mesmo na forma como ele se comporta com os amigos, como nota seu parceiro Chico Amaral:

"Uma vez ele queria fazer uma surpresa e cantar no meu show. Acontece que me contaram, e eu cometi a besteira, não sabia nada dessa história de surpresa, de dizer para ele: 'Fico muito honrado etc.', essas coisas. Bicho, ele armou a bituca (brincadeira com apelido de Milton, que faz referência a seu 'bico') pra valer, e eu fiquei sem jeito pra caramba. Estraguei a brincadeira, e ele só falou: 'Não, não vou cantar, não'. E eu: 'Então tá bom', acreditei. Mas aí, como eu tinha acreditado, o danado resolveu fazer a surpresa mesmo! Vai entender! E foi lindo, ele entrou e cantou com o Samuel Rosa, meu parceiro, e a Marina Machado."

Parceiro também de artistas como Erasmo Carlos, Lô Borges e Ed Motta, Chico se tornou conhecido como letrista de sucessos do Skank, feitos em parceria com Samuel Rosa - entre eles, "Garota Nacional", "Jackie Tequila" e "Vou Deixar". Sua aproximação com Milton reflete o interesse de Bituca pelas gerações mais novas, outro traço juvenil de sua personalidade, que aparece desde o clássico "Clube da Esquina" (1972), assinado com Lô Borges (10 anos mais novo do que ele), até momentos como o recente "E a Gente Sonhando" (2010), feito com cerca de 25 jovens músicos mineiros, ou seu trabalho com a baixista e cantora americana Esperanza Spalding, de 28 anos.

"Nós nos conhecemos numa noite no Cabaré Mineiro, uma casa de shows que Milton tinha com o Wagner Tiso e mais dois sócios em Belo Horizonte, nos anos 80", lembra Chico, "eu tinha tocado saxofone com um amigo guitarrista, Amaury Ângelo. Quando terminamos o serviço, ia saindo, e ele me chamou. 'Está bom isso aí', disse, apontando para o estojo do sax. Ele me convidou pra ficar ali na mesa, eu aceitei, e imediatamente

engatamos um papo. Depois nos perdemos de vista, até nos reencontrarmos devido ao sucesso do Skank, nos anos 90. Mais tarde, fizemos umas parcerias pro CD "Pietá" (entre elas a canção-título, indicada ao Grammy Latino de 2003), e temos uma música inédita também, que nós dois achamos muito bonita."

A musicalidade de Milton carrega uma espontaneidade que o acompanha desde a infância. Antes dos sete anos, já passava o dia tocando uma gaita e uma sanfona de quatro baixos, completando intuitivamente com a voz as notas que o limitado fole não alcançava. O compositor, instrumentista e arranjador Paulo Jobim, que trabalhou com Bituca pela primeira vez na década de 1970 e, em 2008, gravou com ele (ao lado do Jobim Trio) o CD "Novas Bossas", comenta que esse aspecto natural da música de Milton sempre chamou sua atenção:

"É um cara de uma musicalidade enorme. Ele tinha que ser músico. Lembro de estar dentro da sala de gravação no estúdio, na época do "Minas" ou do "Geraes", conversando com minha mulher (Elianne Jobim), vendo umas partituras, quando Milton entrou, foi direto ao microfone e começou a cantar. Ficamos imóveis, porque não devíamos estar ali durante a gravação. Não me recordo qual era a música, só lembro que ele foi perfeito, emocionou a todos. E gravou de primeira. Me impressionaram sua naturalidade e sua precisão."

O canal de Milton com o universo infantil aparece em diferentes momentos de sua carreira. Foi o sorriso de um menino do coral, num dos shows da turnê do CD "Amigo" (1995), que o demoveu da ideia de parar de cantar, que ele cogitava, então. E foi num dia de Cosme e Damião – santos protetores das crianças, segundo a tradição –, em 1966, que Milton ouviu num centro espírita em São Paulo que sua vida teria uma reviravolta em pouco tempo. Um ano depois, o Brasil era arrebatado pelo jovem cantor e compositor que emplacou três músicas no concorrido Festival Internacional da Canção.

Entre elas, "Travessia", um de seus maiores sucessos até hoje e sua primeira parceria com Fernando Brant. Num texto recente, o letrista e presidente da UBC descreve seus encontros com Milton naquela época: "Olha que a gente se reunia para ouvir o que havia de mais sublime no jazz, na bossa e nas trilhas de filmes. E vínhamos de uma tradição musical colhida, na infância, nos altares e nas roças mineiras. Mas o que ele criava não tinha parâmetros, era diferente de tudo o que havíamos conhecido até então. Na realidade ele era, para nós, um espanto."

Espanto cuja raiz, na visão de Chico Amaral, remonta exatamente ao Milton menino:

"Sua obra vem de uma pessoa realmente sensível que se apaixonou muito cedo pela música. Ele teve a sorte e o dom de ter uma bússola no coração, apontando sempre para a música de qualidade. Sua alma é impregnada disso, e, pela sua precocidade, sua experiência incomum, ele sabe como traduzir na voz e na composição o que a alma pede."

A seguir, leia um texto que Chico Amaral escreveu especialmente para a nossa última edição do ano, que presta uma homenagem ao menino mineiro cuja musicalidade impregnada de beleza e complexidade continua a encantar todos nós.

# DUAS OU TRÊS COISAS QUE SEI SOBRE MILTON NASCIMENTO

Por Chico Amaral

## “PROVAVELMENTE O MAIOR COMPOSITOR BRASILEIRO PÓS-(TOM) JOBIM / (JOÃO) GILBERTO”

(Paul Simon, sobre Milton Nascimento)

Milton cresceu, como todo mundo, no diálogo e na admiração. Muitos artistas, hoje, se esquecem de que o importante é admirar e pensam que ser admirado é o grande lance. Bituca é um grande fã dos músicos e dos artistas de qualquer parte, para além de sua vaidade discreta. Fã das cantoras de rádio nos anos 50, gostava de cantar como elas: “As mulheres é que tinham o lance do coração.” Ao perceber que se tornaria adulto, com voz de homem, pensou no pior: “Nunca mais vou poder cantar”, pois os homens tinham aqueles exibicionismos que não lhe agradavam. “Até que veio o Ray Charles e me salvou.”

O isolamento do interior do país aguça a curiosidade dos talentosos. Daí o mineiro universal, assim como o pernambucano, o amazonense etc. A novidade vem do coração interiorano que devora a novidade do mundo. Conheci pessoas do Sul de Minas que gostavam de filosofia e falavam, entortando os erres, “o Heideggerrrr, no livro 'Serrr e Tempo'...” Com Wagner Tiso, em Três Pontas, Milton fazia sua leitura da música popular universal: música brasileira, boleros, canções francesas, italianas e espanholas. Ele trabalhou na rádio de seu pai, onde ouvia discos e programava tudo isso. Havia também a música americana, dos cantores, das orquestras, do cinema. E outros tipos de música latino-americana, além do bolero: músicas venezuelana, cubana, peruana. Uma de suas inúmeras admirações foi a fenomenal Yma Sumac. É um prazer conversar sobre tais coisas com ele, que se torna irresistivelmente tagarela: “E tinha aquela do cinema, que cantava mas era muito bem: Doris Day...”

Segundo a história tantas vezes contada, o culpado pelas inovações da dupla Milton/Wagner, ainda garotos em Três Pontas, foi o rádio. A transmissão não era tão boa, e as músicas demoravam a aparecer de novo na programação. Havia que completar a informação de alguma forma. “Quando chegamos a Belo Horizonte, ao ver o pessoal que tocava, os músicos profissionais, falei pro Wagner: temos que voltar pra Três Pontas e aprender tudo de novo, tá tudo errado!” Só que os músicos de Belo Horizonte pensaram diferente: não mexe nisso que tá muito bom!

Foi em Belo Horizonte, em 1963/1964, convivendo com Pascoal Meireles (bateria), Nivaldo Ornelas (sax), Helvius Vilela (piano), Waltinho (bateria) e outros, que Milton ouviu pela primeira vez um disco de Miles Davis. “É a minha voz”, disse aos amigos. Depois, ele conta, saiu comprando tudo o que encontrava de Miles Davis. Mas, num show recente no Palácio das Artes, em BH, Milton conversou com o público e disse que, quando lhe perguntam sobre sua música, só sabe duas

coisas: que começou nos bailes da vida, aos 14 anos, com Wagner Tiso, e que sua mãe cantava, tocava piano e tinha sido aluna de Villa-Lobos.

Se fosse apenas cantor ou compositor, Milton já seria um sucesso. Acontece que ele é as duas coisas em altíssimo nível. As melodias usando intervalos diferentes, como quartas, quintas e oitavas, a polirritmia clara e desconcertante do violão, a maestria no uso dos acordes menores, a possibilidade de usar escalas pentatônicas, modais ou expandir a melodia até a escala cromática: Milton foi o grande modernizador da música brasileira depois de Tom Jobim.

O uso de tríades sobre o baixo pedal, como em “Milagre dos Peixes”, e o emprego de acordes em quartas, tal como em “Outubro”, confluem com o pensamento do jazz mais contemporâneo. Só que, é bom lembrar, Bituca não é jazz, é música brasileira. Como disse o pianista Amilton Godoy, “ele apresentou aquelas harmonias, aqueles acordes de quartas, eu o vi fazendo aquilo na mesma época em que ouvi o (jazzista americano) McCoy Tyner.”

“É aquele caso do Villa-Lobos: se a música vem do povo, como é que ele não vai entender?”, o Milton diz.

Uma das grandes influências dele (e de Wagner) foi o Tamba Trio. Praticamente todos os novos conceitos de seu estilo de composição estavam lá. Se, para Bituca, encontrar Luiz Eça foi encontrar “O Deus”, imagino a surpresa de Luizinho ao perceber cristalizadas num jovem compositor muitas de suas ideias mais avançadas. O primeiro disco de Milton Nascimento, “Travessia”, de 1967, foi gravado com o Tamba e arranjado por Luiz Eça.

Outra influência palpável foi Edu Lobo, que, antes de todos, apresentou uma opção à bossa nova com modalismo e sofisticação. É provável que até Tom Jobim tenha encontrado seus grandes sertões musicais a partir de Edu Lobo. Porque uma das contribuições da geração de Milton e Edu foi mergulhar na identidade brasileira, nas raízes do Brasil. Não mais apenas a cultura urbana, a bossa, o samba urbano do Rio de Janeiro. Agora também a senzala, o quilombo, o rural, a praia nordestina, o barroco mineiro e, mais ainda, a floresta, o índio. E também o folclore das grandes cidades, como quiseram Caetano Veloso, Gilberto Gil e os tropicalistas. A canção brasileira atualiza seu diálogo com a poesia moderna.

Celebramos agora o talento genial de Milton Nascimento. Ao mesmo tempo, celebramos, através dele - pois as coisas nunca estão separadas -, as obras inspiradas de seus companheiros de geração e de todos os artífices desse patrimônio cultural que é a música popular brasileira. Acho que assim ele estará mais à vontade.

## HOMENAGENS QUE VALEM POR DÉCADAS

O acervo pessoal de Milton Nascimento está sendo digitalizado pelo Instituto Tom Jobim. O trabalho já dura um ano e, uma vez que chegue ao fim, todo o conteúdo será disponibilizado no site do instituto. São 50 mil documentos, como fotos, cartas, ingressos e cartazes. Enquanto isso, o músico Chico Amaral prepara um livro sobre Milton, baseado em conversas que teve com o compositor.

Mas, nos palcos, as comemorações já começaram. Em novembro, no Rio, Milton gravou o DVD do show “Milton Nascimento: 50 Anos de Voz nas Estradas”, marcando o encerramento da turnê que rodou o país com participações de Bangalafumenga, Lô Borges, Wagner Tiso e Fafá de Belém. Também em novembro, ele recebeu o Prêmio à Excelência Musical, homenagem concebida pelo Grammy Latino.

E o eterno menino já trabalha montando sua próxima turnê, que estreará no ano que vem. Batizada de “Milton Nascimento: Uma Travessia”, terá novamente a participação dos amigos Wagner Tiso e Lô Borges. A ideia é que seja um show reunindo todos os sucessos do compositor.

Mais: o DVD do espetáculo “Ser Minas Tão Gerais”, do grupo Ponto de Partida, com textos de Carlos Drummond de Andrade e músicas de Milton, foi reeditado num box especial. Assim como 20 álbuns do cantor, que estão sendo relançados em edições especiais pela editora Abril, à venda em bancas de jornais.

E, novamente nos palcos, mas de teatro, a dupla Charles Möeller e Claudio Botelho montou o musical “Milton Nascimento: Nada Será Como Antes”, cuja segunda temporada se inicia em janeiro no Teatro Clara Nunes, no Rio de Janeiro, e, depois, deve seguir para São Paulo e Belo Horizonte. 

SONHOS,

UTOPIA

E UMA RICA OBRA

**UM BATE-PAPO COM O POETA, PRODUTOR, PESQUISADOR E COMPOSITOR HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO, PARCEIRO DE ALGUNS DOS MAIORES NOMES DA HISTÓRIA DA NOSSA MÚSICA E ENTUSIASTA DEFENSOR DA EDUCAÇÃO MUSICAL**

Por Leonardo Faria, do Rio

Hermínio Bello de Carvalho já foi definido por Chico Buarque como um “paladino” da cultura. Jornalista, poeta, produtor de shows e discos, pesquisador e compositor, mantém ativas, aos 77 anos, todas essas faces. E se descreve, tão-só, como um “poeta que acredita em sonhos e utopias”. Foi com essa atitude que apresentou Clementina de Jesus ao mundo, tornou-se parceiro de Cartola em clássicos como “Alvorada” (são seus os versos “você também me lembra a alvorada, quando chega iluminando meus caminhos tão sem vida”) e comandou o histórico Projeto Pixinguinha, na Funarte, entre as décadas de 1970 e 1980, que levou grandes artistas a excursionar por todo o país.

Militante da educação musical e entusiasta de primeira hora da Escola Portátil de Música, projeto de difusão criado por músicos de choro em 2000, Hermínio aprendeu canto orfeônico na escola pública, algo impensável hoje em dia. Nesta entrevista, ele relembra o início na música, os amigos, os parceiros e uma obra que já entrou para a história da música popular brasileira.

**Como ocorreu a sua formação musical? Foi em casa? Qual foi o papel da escola?**

O canto orfeônico ministrado na Escola Estadual Deodoro, o cancionero carnavalesco, os concertos para a juventude da Orquestra Sinfônica Brasileira, no Theatro Municipal, regidos pelo maestro Eleazar de Carvalho... Tudo isso fez parte da minha formação musical, me fez reparar nos animadores culturais do próprio bairro onde vivia, a Glória (no Rio de Janeiro). Havia um, Burlamarqui, que promovia saraus de poesia e canto. Isso, é claro, além dos programas da Rádio Nacional, quase todos eles de excelente qualidade.

**Como foi sua aproximação com os grandes nomes da música brasileira? Foi durante seu trabalho como jornalista?**

A minha curiosidade e a minha inquietação me moveram para esse universo. Ainda garoto, eu madrugava nas filas das bilheterias da Rádio Nacional para adquirir ingressos para os programas do Manoel Barcelos e do Cesar de Alencar. Depois, aos 16 anos, já com status de repórter, passei a frequentar os bastidores da rádio e a conviver com os grandes ídolos da época, de Linda Baptista a Radamés Gnattali, de Marlene a Paulo Roberto. Aliás, Doutor Paulo Roberto, como era chamado, era quem apresentava o programa “Nada Além dos Dois Minutos” (um dos maiores sucessos da época, composto por pequenos números musicais que não poderiam durar mais de 120 segundos).

**Em que momento começaram a surgir as parcerias musicais? Com que parceiro teve a maior química?**

Na década de 1950, conheci um excelente violonista, que cantava e compunha muito bem: Antonio Carlos Ribeiro Brandão. Gravamos um disquinho independente, e acho que fomos um pouco precursores nessa modalidade, com arranjos de Paulo Moura e Radamés Gnattali. Esse grande amigo está hoje com 88 anos e sempre o encontro frequentando lugares onde se faça boa música. Já essa química se deu diversas vezes, e com muitos parceiros. Maurício Tapajós, Vital Lima, Pixinguinha... E continua com uma geração muito jovem, egressa da Escola Portátil de Música, onde ministrei uma

oficina. Um exemplo dessa turma é o Vidal Assis, ótimo músico, cantor e letrista talentoso.

**Noel Rosa foi um pioneiro na ligação entre o morro e o asfalto, ao subir o Estácio para fazer samba com Ismael Silva e sua turma. O senhor também subiu a Mangueira e se tornou parceiro de Cartola e Carlos Cachaça. Como foi essa aproximação?**

O meu primeiro encontro com o Cartola se deu em 1962, quando fui entrevistá-lo, a pedido do poeta Homero Homem, para a revista “Leitura”. Era um artigo que abordava ainda Donga e Ismael Silva. Foi um período muito rico: vivíamos a bossa nova, pouco depois conheceríamos a Clementina de Jesus, em seguida eles inaugurariam a casa de samba Zicartola (comandada pelo sambista e sua esposa, Dona Zica), na Rua da Carioca, que teve vida efêmera, mas intensa. O Rio vivia uma efervescência cultural na época que fez com que me aproximasse de outros poetas e sonhadores. Havia ainda os saraus na casa de Jacob do Bandolim. Assim se deu minha parceria com Paulinho da Viola, Elton Medeiros, ambos grandes parceiros. E lá, no Zicartola, conheci Anescarzinho do Salgueiro, Jair do Cavaquinho e Nelson Sargento, que integrariam o espetáculo “Rosa de Ouro”.

**Foi juntando essa turma que o senhor produziu o “Rosa de Ouro”, em 1965. Como teve essa ideia? Imaginava que o show se transformaria numa referência até hoje?**

Eu nunca imagino nada, apenas aposto na minha intuição e deixo que as coisas aconteçam. O “Rosa de Ouro” surgiu num contexto político encrascado, em meio ao golpe militar. Veja só, em dezembro de 1964, a turma do Augusto Boal, com o grande Vianinha (o dramaturgo, ator e diretor Oduvaldo Vianna Filho) no meio, estreava o show “Opinião”, no teatro de mesmo nome, com Zé Ketí, Nara Leão e João do Valle. Com uma semana de diferença, Clementina de Jesus subia ao palco do Teatro Jovem do Kleber Santos, acompanhada apenas por Paulinho da Viola, Elton Medeiros e César Faria, pai do Paulinho, ao violão. Esse era o momento. Volta e meia me propõem que reencene o “Rosa de Ouro”. Não vejo sentido. Não existe nenhuma outra Clementina.

**O senhor foi responsável por tornar a Clementina conhecida. De cara percebeu que se tratava de uma joia até então perdida?**

É preciso ressaltar o fenômeno Clementina: um aluminação dentro da música brasileira, algo que, de alguma forma, colidia com todos os conceitos estéticos então vigentes. Conheci a Clementina na Taberna da Glória (no Rio). Ela surgiu na contra-luz de um momento em que havia uma África querendo se mostrar, mesmo lutando com toda a indústria da música brasileira voltada para o rock, que ensaiava seus primeiros passos, e a força da bossa nova. Hoje, e não quero me estender muito sobre isso, o mito Clementina ressurgiu de uma forma avassaladora: saíram um livro e um DVD, vários grupos a estudam no exterior. Isso prova a sua genialidade, embora seus discos não sejam disponíveis no mercado.

**O senhor teve a oportunidade de produzir dezenas de discos de diversos artistas, como Elizeth Cardoso, a própria Clementina, Dalva de Oliveira, Pixinguinha, entre muitos outros. Quais são os seus favoritos?**

Foram dezenas de títulos, mais de uma centena, talvez. Mas existe um, além das dezenas que produzi para Clementina e Elizeth Cardoso, que caracteriza o meu trabalho: um LP produzido para o Museu da Imagem e do Som (MIS), com a Zezé Gonzaga interpretando a música de um genial compositor chamado Valzinho, e todo ele orquestrado por um de seus maiores admiradores, o maestro Radamés Gnattali. Você já o ouviu? Claro que não, está fora de catálogo há 20 anos. Já na década de 1930, suas harmonias ousadas

chamavam a atenção de intérpretes como Aracy de Almeida e Orlando Silva e instrumentistas como Radamés e Garoto, de pianistas do porte de Custódio Mesquita, de letristas como Orestes Barbosa, com quem compôs uma obra-prima chamada “Gema de Ovo”... Era a pré-bossa-nova, digamos assim, querendo brotar.

**O seu trabalho na Funarte, nas décadas de 1970 e 1980, especialmente com o Projeto Pixinguinha, que foi um grande sucesso, é lembrado com saudade. Qual era a ideia que movia as iniciativas da época?**

Havia, principalmente, respeito ao público. E a certeza de que, devidamente potencializados, aqueles projetos ganhariam a dimensão que alcançaram. O Projeto Pixinguinha é fruto do projeto Seis e Meia, do Albino Pinheiro. Estava ao lado dele, que me delegou a responsabilidade pela sua estrutura artística. Respeitar o público era o nosso lema. O conceito que nos norteava era o seguinte: é preciso fazer um espetáculo bem roteirizado, bem iluminado e bem sonorizado, com artistas de alto nível, embora nem sempre populares, e, garantida essa qualidade, era só esperar que os resultados aparecessem. Realmente houve uma revolução numa então inexistente política de formação de novas e jovens plateias. O público pagava o preço de um maço de cigarro, mas, na saída do teatro, tinha a sensação de que pagara bem mais, muito mais, tal o nível de excelência do espetáculo. A isso chamo ter respeito pela inteligência do povo.

**O senhor acompanha a produção musical brasileira contemporânea? O que acredita ser preciso para fortalecê-la?**

Há muita gente suando a camisa para fazer seus projetos. Mas a cultura brasileira precisa de circularidade, essa que era oferecida pelo Projeto Pixinguinha. Eu sempre tenho meus bordões, que vivo a proclamar num megafone imaginário-metafórico: “é proibido engavetar informações”, “há que se estabelecer políticas de formação de novas e jovens plateias”... E esaió por aí proclamando que falta aos jovens artistas um estímulo, uma vitrine para que se apresentem. Tudo no Brasil é feito de maneira pequena, tímida, medrosa, preguiçosa. Fazer um Projeto Pixinguinha exige suadouro, obstinação, e confesso que esse e tantos outros projetos morreram de inanição.

**O senhor sempre bate na tecla da educação musical e da formação de plateias. Nos últimos anos, participou ativamente da Escola Portátil de Música, que teve uma grande repercussão. Crê que esse projeto possa ser replicado em outros lugares?**

A Escola Portátil de Música (não fui eu que a inventei, que isso fique bem claro) já está em outras cidades (além do Rio), tem essa portabilidade que o próprio nome indica: os professores levam seus instrumentos e pastas e, num espaço amplo, fazem o seu trabalho de mostrar que existe lugar para a música de qualidade. E existe um público jovem extremamente ávido em conhecer essa música que as rádios não tocam: Pixinguinha, Anacleto de Medeiros, Tom Jobim, Guinga, Radamés Gnattali, Chiquinha Gonzaga... E são dezenas de jovens compositores e instrumentistas que se revelam a cada dia naquele espaço mágico. Eles sonharam grande, não tiveram medo de percalços. A cada ano são obrigados a se reinventar, a buscar novas formas de sobrevivência.

**Atualmente, há uma grande discussão sobre a revisão da legislação referente a direitos autorais. Muitos artistas criticam a proposta defendida por setores ligados à cultura digital, de flexibilização dos direitos. Tem acompanhado o debate? Qual a sua posição?**

Existem aqueles que trabalham com a matéria-prima que se chama informação e outros que vivem à beira das máquinas de calcular para saber o quanto estão perdendo com esse monstro chamado internet - ela com seus tentáculos poderosos -, mas que



vieram para reformular o conceito de informação. É preciso, sim, haver uma discussão sobre os direitos da utilização, mas não podemos cair nas garras dos preguiçosos que cuidam da matéria-prima que nos move, que é a cultura, tratando-a com preguiça e desdém. Sei que estou na contramão de alguns colegas meus, mas, enquanto eles discutem, eu vou para o meu computador trabalhar oito, dez, 15 horas por dia para manter essa oficina. Sou um prestador de serviços culturais, e ela é a ponte onde faço conexões com outros gestores que apostam em nossa cultura.

**Considera satisfatória sua arrecadação com direitos autorais? Crê que o sistema atual é funcional?**

Não, não considero satisfatória a arrecadação. Tenho músicas que fizeram sucesso na época do lançamento que continuam sendo executadas até hoje. Só em 1968, pelo livro de Zuza Homem de Melo e Jairo Severiano (“A canção no tempo”), emplaquei três sucessos: “Presentimento” (com Elton Medeiros), “Mudando de conversa” (com Mauricio Tapajós) e “Sei lá Mangueira” (com Paulinho da Viola), que continuam sendo executadas até hoje. A elas se somaram outros standards ao longo dos anos, alguns, inclusive, inseridos em trilhas de novelas. E eu não conseguiria sobreviver dos meus direitos autorais, caso não tivesse uma passagem de 30 anos pela iniciativa privada que, somada às minhas atividades junto à Rádio MEC e à TVE (atual TV Brasil), da qual fui afastado em 1990 pelo corrupto governo Collor, me garantem uma pequena aposentadoria.

**Quais são, na sua opinião, os maiores desafios ao direito de autor que nossa sociedade vive?**

São desafios de décadas. Quem deveria pagar mais paga menos. E, agora, temos a internet. Sem esquecer que a utilizo por meio do meu site [www.oficinadecoisas.com.br](http://www.oficinadecoisas.com.br), e minha queixa poderia parecer uma contradição. Que seja. Falta uma discussão. Eis tudo. Sou a favor, reitero, de que a cultura circule, que não se engavetem informações. São bordões que trovejo por aí, num megafone imaginário e metafórico.

**Por fim, o senhor sempre foi um homem multitarefa: poeta, cronista, produtor de discos e de espetáculos, um ativista cultural. A qual dessas atividades tem se dedicado mais ultimamente?**

Trabalho com a palavra, sou um operário quase em tempo integral, sem direito a férias nem repouso remunerado. No momento me dedico a um projeto específico, a Oficina de Coisas (e Reparos) na internet. Lá faço provocações, provoço conexões com outras áreas que não a música. E continuo com as mesmas cantilenas antigas, de que é preciso abraçar o brasileiro, como aconselhava a Drummond o Mário de Andrade. Acredito nos ensinamentos de Paulo Freire, Roquete Pinto e Darcy Ribeiro. Penso que a música precisa voltar às salas de aula. Continuo me dedicando a todas essas atividades que você enumerou. Mas sou, sobretudo um poeta que acredita em sonhos e utopias, e é nesse jardim que jogo diariamente minhas sementes, sempre na companhia de outros malucos que acreditam nos meus sonhos. Muitos deles já realizados e comprovadamente realizáveis. Mas sem preguiça. 

# CEM ANOS DE SASSARICO

**AUTOR DE MARCHINHAS QUE VIRARAM EMBLEMAS DO NOSSO CARNAVAL, OLDEMAR MAGALHÃES GANHA HOMENAGEM NO SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO E SERÁ TEMA DE DESFILE DO CORDÃO DA BOLA PRETA**



Album de família



Album de família

**Por Bruno Albertim, do Recife**

Quase uma década depois de emprestar seu rosto à primeiríssima transmissão de TV no Brasil (1950), a já saudosa Hebe Camargo viveu, em 1959, um de seus vários sucessos radiofônicos. Aveludava, com sua voz, os versos de “Quem É?”. Mas a sacramentada rainha da nossa televisão não foi a única. De Nora Ney a Elizeth Cardoso, não foram poucos os nomes que ampliaram a cultura do rádio nacional usando como amuleto uma canção assinada por um compositor tão importante quanto, paradoxalmente, desconhecido pelas grandes massas neste começo de século 21: o carioca Oldemar Magalhães, gênio semioculto que teria completado 100 anos no último dia 30 de junho.

Um dos artífices da canção popular brasileira, Oldemar morreu no dia 19 de agosto de 1990. Não sem deixar pelo menos 264 composições, todas registradas pela União Brasileira de Compositores, de quem foi um dos filiados de primeira hora. Primazia também em outros campos: Oldemar foi um dos fundadores da histórica Rádio Tupi. Sendo a maioria assinada por parceiros, as canções de Oldemar ajudaram a dar forma à alegria, à fossa que balança, à cultura popular. Sobretudo no seu Rio de Janeiro natal. Afinal, seria possível imaginar um legítimo carnaval de rua ou de salão sem os gritos de “Se a Canoa Não Virar”?

A marchinha, lançada por Emilinha Borba e, depois, regravada por Beth Carvalho, também de maneira antológica, é sinônimo imediato de qualquer fuzarca carioca. Batizada originalmente como “Marcha do Remador”, ganhou releitura do Chiclete com Banana para a folia baiana e é, segundo o Ecad, a quarta música mais executada em todos os carnavais do Brasil. Extraoficialmente, é também hino nas arquibancadas de muitas torcidas de futebol pelo país.

Mas a produção de Oldemar vai muito além. Compôs com Jackson do Pandeiro, Humberto Teixeira, Wilson Batista e Candeias Jota Jr, Mário Lago... Com este último, pariu pérolas como “É Manhã no Morro”, “Rapaz Esquisito” e “Não Precisas Bater”. Já a divina Elizeth Cardoso, entre outros temas, imortalizou o samba “Barracão”. Entre os mais constantes intérpretes, estão Flora Matos, Helena de Lima, Ademilde Fonseca, Blecaute, a vedete Virgínia Lane, Linda e Dircinha Batista e Moreira da Silva. Ainda (e muito) na ativa, Elza Soares é outra de suas intérpretes. Gravou, no começo dos anos 1960, na Odeon, o samba “Teleco Teco nº 2”. Emilinha Borba e Cauby Peixoto também calibraram o currículo com trabalhos de Oldemar Magalhães.

A mesma canção “Quem É?”, aquela gravada por Hebe Camargo no final dos anos 1950, ganharia os lares brasileiros outra vez em meados dos anos 1970, agora na voz do parceiro e coautor de Oldemar na composição, Osmar Navarro, como tema da novela “Estúpido Cupido”, da TV Globo. Na década seguinte, com a polivalente Rita Lee, outro de seus sucessos saiu dos salões serpenteados para animar a abertura de uma novela, “Sassaricando”. Parceria com Luiz Antônio e Zé Mário, a música homônima ganhou novamente o Brasil, espalhando os temas bem-humorados de Oldemar entre as novas gerações.

Uma turma que, entre fiéis intérpretes como Virgínia Lane, prestou uma homenagem ao compositor, no final de junho, durante um evento na Confeitaria Colombo, no Centro do Rio de Janeiro. Citada na letra de “Sassaricando”, a centenária casa de chá deu espaço a uma verdadeira festa de rua, na qual não faltaram marchinhas e o clima festivo que sempre marcou a obra de um artista que é sinônimo de carnaval e que, ano que vem, será tema de um desfile especial do bloco Cordão da Bola Preta, no Rio. 



# BRAGUINHA

Um dos maiores compositores da história do nosso carnaval, Braguinha foi tema de incontáveis reportagens nos diferentes boletins informativos da UBC desde a nossa fundação. Nos últimos anos, dois números homenagearam o criador de *hits* que marcaram para sempre a folia das ruas do Rio e do Brasil. Em 2000, quando completou 93 anos, o carioca Carlos Alberto Ferreira Braga estampou uma edição comemorativa da então "UBC em Pauta". Sete anos depois, e já morto, o parceiro de Pixinguinha em "Carinhoso" mereceu uma homenagem ainda maior pelo seu centenário de nascimento, com depoimentos de famosos e anônimos e fatos pitorescos sobre sua vida e sua obra publicados na revista, na época chamada "Pauta Extra". Agora, para fechar em grande estilo a série de momentos memoráveis da nossa publicação, nos 70 anos da UBC, republicamos trechos dessas edições. Releia e delicie-se com as histórias do nosso João de Barro, eterno conselheiro da UBC.

## NOME DE PÁSSARO, ALMA DE MENINO

A história aconteceu nos festejos dos 500 anos. Em uma escola carioca, a professora pergunta à turma quem descobriu o Brasil. "Braguinha", respondem em coro as crianças. O troço histórico faz sentido. Foi Cabral, todo mundo sabe, quem deu com os costados por aqui em 1500. A Braguinha, um dos maiores compositores do país, coube a tarefa de traduzir as virtudes da terra em centenas de canções brilhantes. Descobriu-se um novo mundo a partir de músicas como "Copacabana", que deu ao bairro o epíteto

definitivo de "Princesinha do Mar". O desenho de um Brasil feliz, de bem com a vida, completou-se com retoques primorosos com a letra de "Carinhoso" ou a singeleza de muitos sucessos carnavalescos e cantigas infantis. Um bocado dessa longa história está contado com apuro no livro "Braguinha para Crianças - Um Canto de Felicidade", escrito por Carlos Alberto Rabaça.

Criado para abastecer as estantes do projeto cultural Leia Brasil, o livro destaca a parte da obra de Braguinha voltada para as crianças, sem se esquecer de outros momentos importantes da biografia do compositor. O texto lembra a infância de Braguinha e momentos fundamentais da sua carreira. Cenas da convivência com a família, na Vila Isabel onde nasceu, festas frequentes na casa do pai ou a cantoria com a avó ao piano ocupam os primeiros capítulos. O começo da carreira, a parceria com grandes nomes como Almirante e Noel Rosa no Bando dos Tangarás e os muitos sucessos também aparecem no livro. Para a criançada também há histórias infantis que Braguinha ajudou a popularizar no Brasil. Suas versões para "Chapeuzinho Vermelho", "Dona Baratinha" e "A Cigarra e a Formiga" são definitivas. As últimas contas, feitas ainda em meados da década de 1970, registravam a venda de cinco milhões de discos infantis de Braguinha.

## GRANDES MUSIQUINHAS

Braguinha, ou João de Barro, apelido adotado quando foi formado o Bando dos Tangarás, deu ao mundo cerca de 500 canções, entre marchas e sambas, valsas, choros e toadas. Criou históricas versões em português - das músicas, inclusive - para os desenhos animados de Walt Disney a que até hoje a garotada assiste.

Inspirado pelo bom resultado das adaptações de filmes como "Branca de Neve e os Sete Anões", "Bambi", "Dumbo" e outros, Braguinha partiu para um projeto inédito. Criou histórias próprias e adaptou clássicos do repertório infantil. Foi a deixa para o surgimento de mais canções inesquecíveis, como as de "Dona Baratinha", da fábula "A Cigarra e a Formiga" ou de "Festa no Céu". "Depois do contato com a Disney, ele rapidamente teve a ideia de criar algo para o público infantil. Além de toda a criatividade, Braguinha tinha um tino fantástico para as novas empreitadas", observa Carlos Alberto Rabaça. O alvo dos elogios achava graça e esbanjava modéstia. Com seu carinho por diminutivos que fazia lembrar outro grande poeta, Vinicius de Moraes, dizia: "Não sou um músico, sou um poeta. Fazia uns versinhos que meus companheiros transformavam em música."

Por musiquinhas, entenda-se um punhado de clássicos que resistem ao tempo. "Sorri", versão para a famosíssima "Smile", de Charles Chaplin, ele compôs em 1955. Fez um trabalho tão bem feito que, há alguns anos, a música voltou a ser gravada no CD "Malásia", de Djavan.

Braguinha já fazia sucesso no carnaval de 1933, com "Trem Blindado" e "Moreninha da Praia". Continuou assim por décadas. Compo na base do assóvio - ele, no máximo, arranhava um violão - , João de Barro estourou em 1937, com "Balancê". Mais de 40 anos depois, a música repetiu a dose na voz de Gal Costa. Teve gente achando que a música era nova, mas muitos foliões já tinham se divertido com ela na versão gravada por Carmen Miranda. "Até no último carnaval 'Balancê' foi a campeã de arrecadação de direitos autorais entre as músicas do meu pai", contou Maria Cecília, filha única de Braguinha. No ranking dos direitos autorais, continuam a fazer bonito "Vai Com Jeito", "Chiquita Bacana" e "Pirata da Perna de Pau", entre muitas outras.

## BAÚ DE CAUSOS

Música sempre foi o principal assunto da vida de Braguinha, mas não o único. Para defendê-la, ele ajudou a fundar a União Brasileira de Compositores. Também atuou como diretor artístico das gravadoras Columbia e Continental. Mesmo em cargos burocráticos, Braguinha teve participação fundamental em alguns momentos históricos da música brasileira. Na Continental, em 1949, insistiu para que Waldir Azevedo registrasse em disco seu primeiro choro. A composição era, simplesmente, o hino "Brasileirinho". Bem antes, em 1935, já se aventurara por outra seara. Naquele ano, ele e Alberto Ribeiro, o principal parceiro, foram convidados para fazer cinema. Dividiram argumento, roteiro, direção e trilha sonora do filme "Alô, Alô, Brasil". A experiência, bem-sucedida, levou a outras produções: "Estudantes" (argumento), "Alô, Alô, Carnaval", "João Ninguém" e outros longas.

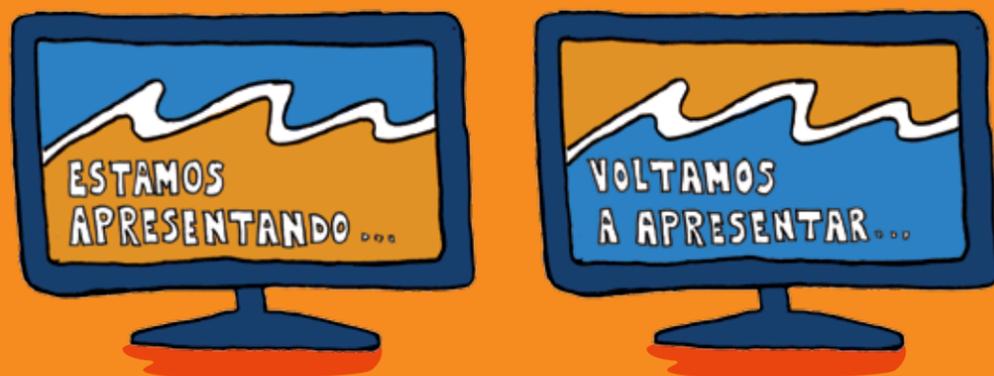
Entre uma canção e outra, Braguinha também acumulou histórias. Como o folclore em torno do compositor daria outra reportagem, o leitor fica aqui com dois causos preciosos. Um deles está contado no livro de Carlos Alberto Rabaça. Quando criaram o Bando dos Tangarás, seus componentes decidiram adotar nomes de pássaros. "Braguinha utilizou o pseudônimo *Funarius rufus*, nome científico do João-de-barro, para uma marcha que tinha vergonha de assinar", conta Rabaça. O nome vulgar, João de Barro, acabou adotado como artístico. A outra história teve como cenário o Maracanã, na Copa do Mundo de 1950. Empolgados com a goleada que a Seleção infligia ao escrete espanhol - o placar final foi 6 a 1 -, mais de 200 mil torcedores começaram a cantar a marchinha "Touradas em Madri". Sentado na arquibancada, Braguinha, o autor, chorou de emoção. Ao seu lado, um torcedor resmungou: "Com tanta gente feliz, fui sentar logo ao lado desse espanhol chorão."

## PASSEIOS PELA ORLA

O sujeito que passou a vida se multiplicando para dar conta de um talento transbordante cumpria, em 2000 (quando o texto foi publicado), uma rotina sossegada. "Tenho quase 100 anos", justificou-se, na época, com um sorriso maroto. Passava a manhã lendo livros e jornais. À tarde, convocava o chofer e a mulher, Astrea, com quem era casado desde 1938, para seu programa favorito: um longo passeio pela orla da cidade. "Às vezes fico até preocupada. Ele sai e fica fora por duas, três horas", contou a filha, Maria Cecília. O pai não abria mão. "A cidade pode até ter mudado, mas a praia, não. Eu adoro o mar".

Os passeios até inspiraram Braguinha a ensaiar mais uma canção. O sambinha diz assim: "Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon/Barra da Tijuca e de lá vou por aí/ Recreio dos Bandeirantes, Pontal, depois Grumari/ Quem vê as praias do Rio/ Não sai mais daqui".

Exceto pelos passeios na orla, o autor de "Copacabana" e "Carinhoso" - suas favoritas - raramente abandona o sossego do apartamento onde viveu por três décadas. Em 1984, virou enredo da Mangueira no desfile que inauguraria o sambódromo. Quase fez *forfait*. Não queria comandar os foliões na apresentação do enredo "Yes, Nós Temos Braguinha". "E tem graça ficar virando para o público e pedindo aplauso para mim mesmo?", reclamava. Após muitos apelos, cedeu e fez história mais uma vez. A Mangueira foi campeã e, pela única vez na história da passarela do samba, foi até a Praça da Apoteose e voltou pela Sapucaí, empurrada pela ovação do público. Merece, até hoje, cada uma das palmas que recebeu. 



# NOVA REGRA PARA MÚSICAS EXECUTADAS NA TV

Buscando a evolução do sistema, a distribuição dos direitos autorais das músicas executadas na televisão será modificada a partir de janeiro. Foram criadas novas categorias de remuneração, de forma a adequar os usos das músicas à atual realidade da TV brasileira.

Ney Tude, gerente-geral da UBC, explica que em uma novela, por exemplo, o momento de utilização de cada música define o valor que será pago ao autor. Nessa escala, os temas de abertura e encerramento têm peso de 12/12, enquanto a música de fundo vale 1/12. A mudança, que afeta as execuções realizadas a partir de julho passado, é que agora as canções usadas na passagem entre os blocos de um programa ganham mais importância. Elas passam de 1/12 para 4/12. A distribuição dos direitos autorais no novo cálculo será feita a partir de janeiro de 2013. Segundo Tude, essa categoria não existia até então.

“A remuneração está ligada ao momento em que a música é executada. Os temas de abertura e encerramento são muito importantes no contexto do programa. Todo mundo conhece a abertura do ‘Jornal Nacional’, da TV Globo. Já a passagem entre os blocos carecia de uma classificação específica que a definisse e vinha sendo paga como música de fundo. Agora passa a ser classificada como tema de bloco”, explica Tude.

Mais uma mudança importante é que músicas classificadas como demais obras, incluídos aí os videoclipes, também passam a ter peso diferente, deixando de ser músicas de fundo. O peso dos direitos autorais pulará, assim, de 1/12 para 2/12.

Outra novidade é que, a partir das execuções de outubro, os programas jornalísticos de curtíssima duração sem um horário fixo na grade, chamados de “flashes”, que antes não eram contemplados na distribuição, passarão a ser. A emissora de TV deverá informar o dia e o horário da exibição para que o Ecad possa auditar as informações passadas.

	COMO ERA?	COMO FICOU?
<b>MÚSICA DE ABERTURA</b> // Música que acompanha a abertura do programa.	12/12	12/12
<b>MÚSICA DE ENCERRAMENTO</b> // Música que acompanha o encerramento do programa.	12/12	12/12
<b>TEMA DE PERSONAGEM</b> // Música que toca quando o personagem entra em cena.	8/12	8/12
<b>PERFORMANCE</b> // Música interpretada em cena ou ao vivo.	6/12	6/12
<b>BACKGROUND</b> // Música de fundo.	1/12	1/12
<b>DEMAIS OBRAS</b> // Outros tipos de utilização.	1/12	2/12
<b>TEMA DE BLOCO</b> // Música usada na passagem entre os blocos de um programa	era classificada como background	4/12

	MÊS DE DISTRIBUIÇÃO	PERÍODO DE CAPTAÇÃO
<b>TV ABERTA</b>	Janeiro	Julho a setembro
	Abril	Outubro a Dezembro
	Julho	Janeiro a Março
	Outubro	Abril a Junho
<b>TV POR ASSINATURA</b>	Fevereiro	Janeiro a Junho
	Agosto	Julho a Dezembro

## CONHEÇA O NOVO CALENDÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO

<b>JAN</b> RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A SETEMBRO	<b>FEV</b> RUBRICA MÚSICO ACOMPANHANTE PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A SETEMBRO RUBRICA TV POR ASSINATURA PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A JUNHO	<b>MAR</b> RUBRICA CINEMA PERÍODO DE CAPTAÇÃO SETEMBRO A FEVEREIRO	<b>ABR</b> RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO OUTUBRO A DEZEMBRO
<b>MAI</b> RUBRICA MÚSICO ACOMPANHANTE PERÍODO DE CAPTAÇÃO OUTUBRO A DEZEMBRO RUBRICA CARNAVAL	<b>JUN</b> RUBRICA MÍDIAS DIGITAIS PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A DEZEMBRO	<b>JUL</b> RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A MARÇO	<b>AGO</b> RUBRICA MÚSICO ACOMPANHANTE PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A MARÇO RUBRICA TV POR ASSINATURA PERÍODO DE CAPTAÇÃO JULHO A SETEMBRO
<b>SET</b> RUBRICA CINEMA PERÍODO DE CAPTAÇÃO MARÇO A AGOSTO RUBRICA FESTA JUNINA	<b>OUT</b> RUBRICA DISTRIBUIÇÃO TRIMESTRAL* PERÍODO DE CAPTAÇÃO ABRIL A JUNHO	<b>NOV</b> RUBRICA MÚSICO ACOMPANHANTE PERÍODO DE CAPTAÇÃO ABRIL A JUNHO RUBRICA MTG	<b>DEZ</b> RUBRICA MÍDIAS DIGITAIS PERÍODO DE CAPTAÇÃO JANEIRO A JUNHO

\*Distribuição Trimestral – Rádio, Direitos Gerais e Música ao Vivo, Casas de Diversão, Tv aberta, e Casas de Festas.

Observação: a distribuição de shows e créditos protegidos ocorrem todos os meses.

# Notícias virtuais

Lembre-se de atualizar seu cadastro de e-mail conosco para receber nossas notícias e comunicados.

Assim, você garantirá o recebimento da "UBC News", nossa newsletter mensal, sempre recheada de informações fresquinhas sobre o mercado e os direitos autorais.



RIO DE JANEIRO  
Tel: (21) 2223-3233  
ubc@ubc.org.br

SÃO PAULO  
Tel: (11) 3326-3574  
ubcsp@ubc.org.br

RECIFE  
Tel: (81) 3421-5171  
ubcrecife@ubc.org.br

BAHIA  
Tel: (71) 3272-0855  
ubcbahia@ubc.org.br

MINAS GERAIS  
Tel: (31) 3226-9315  
ubcmg@ubc.org.br

PORTO ALEGRE  
Tel: (51) 3222 2007  
ubcrs@ubc.org.br

GOIÂNIA  
Tel: (62) 3932-0010  
ubcgo@ubc.org.br

BRASÍLIA (representante)  
Tel: (61) 3322-4263  
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br

MATO GROSSO DO  
SUL (representante)  
Tel: (67) 3304-9102  
ubcms@ubc.org.br



União Brasileira dos Compositores